

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA  
*REVISTA DE TURISMO*

LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1917

ANO II—N.º 28

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO . . . . . 1\$00 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . . . . . \$50 || ANO . . . . . 2\$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## A "Propaganda de Portugal,"

### A SUA ACÇÃO DEPOIS DA PAZ

ENTREVISTA COM O SEU PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

ESTANDO lá fora a questão do turismo para depois da paz, na ordem do dia, quizemos saber até que ponto a acção da Sociedade de Propaganda de Portugal, se fará sentir com o fim de atrahir viajantes ao nosso paiz, n'essa avalanche turistica que ha de inundar a Europa.

Procurámos para esse fim o sr. Vasconcelos Correia, digno presidente da commissão executiva da mesma sociedade, pois ninguem melhor do que ele poderia informar a nossa curiosidade.

O sr. Vasconcelos Correia, é alem de um espirito moderno, um homem absolutamente pratico, e as suas palavras sempre sensatas, deverão interessar os nossos leitores.

Mas o nosso pretendido intrevistado, não é das pessoas facilmente abordaveis, por uma unica razão, a dificuldade em encontrar-se. Os seus multiplos afazeres e os mil e um assumptos que reclamam a sua actividade, raro lhe deixam um momento para aturar um jornalista que se lhe apresente de lapis em punho a fazer perguntas.

Mas d'esta vez não temos que dizer mal da sorte, pois fomos encontra-lo, com uma excelente disposição, e uma boa dose de paciencia.

—Vimos saber muitas coisas se V. Ex.ª dispõe de um quarto de hora, arriscámos a medo.

—Meia-hora, ou mais; estou á sua disposição. Disse ele, indicando-nos uma vasta poltrona.

—Desejava que nos dissesse o que



VASCONCELOS CORREIA

tenciona fazer a Propaganda de Portugal, para atrahir viajantes agora que, a paz se aproxima.

«O programa da Sociedade Propaganda de Portugal para depois da guerra coincide exactamente com o seu programa de todos os tempos.— A Sociedade precisa sempre activar o mais possivel o equipamento do paiz, no que possa interessar ao turismo, para que as pessoas que o visitem, sentindo-se bem n'ele, se demorem, para que fiquem com desejos de voltar, e, para que, pelas suas informações, provoquem a vinda d'outros visitantes.—Por outro lado necessita, tambem em qualquer epocha, fazer esforços para tornar conhecido o nosso

paiz no estrangeiro—isto é fazer a sua propaganda.

«Estes dois objectivos primordiais da Sociedade impõem-se igualmente para depois da guerra e n'este periodo que precede a paz.

«Isto não quer dizer que, no detalhe, não haja oportunidades a aproveitar que a Sociedade não deixará perder.

«E' certissimo que, depois da paz, uma forte corrente de turismo se estabelecerá para as regiões que mais assoladas tiverem sido durante a guerra, e sem duvida que a Belgica, o Norte e o Leste da França serão as zonas preferidas. Ahí irão viajantes de todo o mundo observar os vestigios d'essa lucta tremenda que se sustenta ha 3 anos ao longo d'uma linha que poucas modificações tem sofrido.

«Aproveitar a passagem de tantos milhares de pessoas por essas regiões para fazer entre ellas a maior propaganda possivel do nosso paiz, parece ser medida oportuna. E assim faremos tanto mais que a nossa participação na guerra europea nos torna mais conhecidos do que eramos, e, repisar o nome de Portugal n'esta occasião é aproveitar utilmente a conjugação de esforços.

«Para obtermos o resultado que pretendemos é necessario acelerar um pouco a adopção d'algumas medidas que já tencionavamos pôr em pratica, e n'esse sentido trabalhamos afincadamente.

«Estamos em negociações com o Touring Club da França para que esta importantissima agremiação seja a nossa representante em França como a Sociedade Propaganda representará aquelle Club em Portugal.

«Tambem tratamos n'esta occasião de abrir em Paris, d'acordo com a Repartição de Turismo, um *Bureau de Renseignements*, em logar bem central, onde se ministrem informa-



ções bem exactas a respeito de Portugal, onde se organisem viagens que nos interessem, emfim, onde alguém se ocupe, com patriotismo e devoção, de tudo que possa dizer respeito á propaganda do nosso paiz, tanto na capital franceza como no resto d'aquella admiravel nação, e tudo de comum accordo com a futura Camara de Comercio Portugueza que em breve se inaugurará em Paris, e d'accordo tambem com o Touring Club.

—Mas ficarão organismos completamente independentes ou ligados por qualquer modo?

«—Haverá completa independencia no funcionamento e administração, mas serão instalações aliadas. E' provavel que o Bureau de Renseignements seja instalado na mesma casa que a Camara de Comercio. E' certo que o pessoal do Bureau será escolhido pela Direcção da Sociedade Propaganda de Portugal e prestará todo o auxilio que puder ao bom desempenho da missão que incumba á Camara de Comercio, como estamos certos que o pessoal d'esta retribuirá com a maior lealdade e carinho os serviços que nós poderemos prestar-lhe, auxiliando-nos na nossa propaganda.

«O concurso do Touring Club, valiosissimo, será completamente independente, embora entre elle e o nosso Bureau devam existir as melhores relações e se prestem mutuo auxilio.

«Todos os meios de propaganda e publicidade serão postos em pratica. Publicações varias, anuncios, conferencias, projecções animatographicas etc., de tudo se lançará mão para o nosso fim.

—Espera a Sociedade portanto que, com essa organização poderá desenvolver bastante a propaganda do nosso paiz, nos paizes mais visitados depois da paz?

«Assim o esperamos, sobretudo se pudermos conseguir que vá assumir a direcção do nosso Bureau a pessoa que temos em mente. O exito de qualquer organização, por muito perfeita que seja, nunca poderá ser completa se não for auxiliada e guiada por pessoa, não só apaixonada pela idéa que haja em vista, mas que tambem reuna um conjuncto de qualidades que não é vulgar encontrar. Ora se os nossas previsões não forem erradas o exito deve ser completo com a nossa escolha.

—Portanto os grandes esforços da propaganda vão ser dirigidos para a França?

—Assim é pelas razões já expostas. Depois iremos para os paizes onde ha maior habito de viajar, mas por agora iremos ao paiz onde pas-

sarão por assim dizer todos os viajantes de todo o mundo.

«N'esta ocasião organisa-se ainda uma outra entidade que poderá prestar valiosos serviços ao nosso actual objectivo e á qual, portanto, daremos todo o nosso apoio —

—Qual é?

«E' o — *Comité Portugal-França* — em formação em Portugal, correspondendo-se com outra organização semelhante em Paris que se chama — *Comité France-Portugal*.

Para lhe lembrar a importancia d'estes Comités bastará dizer-lhe que o de Paris é presidido pelo eminente homem que é Mr. Paul Deschanel, e o de Lisboa presidido pelo respeitavel cidadão que se chama Anselmo Braamcamp Freire.

—E nas Americas não pensa a Sociedade fazer qualquer coisa de especial?

«Certamente que pensa. E' essa a principal clientela que poderemos esperar em Portugal.

«Principalmente os viajantes da America do sul poderão aqui parar, ou á ida ou á volta para França, sem alongarem a sua viagem.

«Já temos feito varios esforços n'este sentido e assim continuaremos. Em Buenos Ayres já houve um Bureau de Renseignements mantido pelas Companhias de Caminhos de Ferro interessadas no percurso Lisboa-Paris.

«Esta tentativa não teve exito, precisamente por faltar a tal pessoa a que acima me referi. — Não houve quem com amor a Portugal se dedicasse ao Bureau.

«Egual fracasso se deu em Nova York e pelas mesmas razões, onde tambem já existiu um *Bureau de Renseignements para Portugal*.

Mas a Sociedade tem esperanças de trazer a Portugal viajantes da America do Norte?

«Temos, comquanto julgemos que isso só venha a ser importante d'aqui a alguns anos.

«E' preciso para isso que estejamos melhor preparados em materia de hoteis, e que tenhamos melhores comunicações maritimas com aquele grande paiz; mas, se isso se conseguir, não será difficil despertar desejos aos americanos do norte a passarem por Lisboa no seu caminho para a Andaluzia ou para a Europa Central.

—E essa melhoria de comunicações maritimas haverá esperanças de se conseguir?

«Estou certo d'isso. E' uma questão de tempo. Carreiras de navegação nacional hão de forçosamente vir a estabelecer-se com o terminus em Lisboa — E essas carreiras hão de vir

a ser tanto para a America do Norte como para America do Sul.

«Sem estas linhas de navegação terminando no nosso porto, ninguém julgue, segundo a nossa opinião, que se possa desenvolver o porto franco de Lisboa, de que tanta gente fala, nem tão pouco se desenvolverá, por forma notavel, o turismo das Americas para o nosso paiz.

—Não pensa tambem a Sociedade Propaganda estabelecer um Bureau de informações n'um sitio central de Lisboa?

«Isso esteve quasi resolvido — o local era optimo — á esquina da Rua do Ouro para a Praça do Comercio — onde hoje está montada uma caixa economica.

«Pensamos n'esta ocasião n'uma outro casa igualmente boa, e logo que a tenhamos, instalar-nos-hemos.

—E onde é? Perguntamos cheios de curiosidade?

«Tenha paciencia, mas não lhe posso dizer por enquanto.

—E a escola de creados de hotel que a Propaganda tencionava abrir?

«Abrir-se-ha n'este inverno, na nossa séde.

«O problema de hoteis é certamente aquele que mais nos interessa.

«A benemerita comissão de hoteis da S. P. P. tem sido, desde a fundação d'esta Sociedade, d'uma dedicação e patriotismo que não é vulgar encontrar-se no nosso meio.

«Os seus esforços tem produzido melhores resultados do que muita gente supõe. Nota-se incontestavelmente uma melhoria notavel nos hoteis portuguezes de ha 10 anos para cá.

«Alguns novos se tem estabelecido em condições muito apreciaveis, outros tem melhorado as suas instalações por maneira sensivel, e já raros serão os que desprezam os conselhos da Propaganda de Portugal como ao principio succedia.

«Já são frequentes as consultas que varios hoteleiros fazem á Propaganda, e esta, até ultimamente, tem adoptado o systema de fazer examinar os hoteis pelo seu architecto, que proporciona aos hoteleiros os seus conselhos e lhes propõe soluções que, muitas d'elas, tem sido postas em pratica.

«Agora mesmo essa comissão de hoteis estuda um projecto com o qual julga poder impulsionar bastante a criação de novos e confortaveis hoteis.

«Reconhecemos, desde ha muito, que se juntarmos alguns hoteis confortaveis ao que já existe no paiz, será facil desenvolver o turismo em Portugal — Pelo contrario, se montarmos



tudo admiravelmente, com bellissimas estradas, riquissimos museus, sumptuosos monumentos, e todas as diversões imaginaveis, e não montarmos hotéis razoaveis, ninguem nos visitará.

«E quando digo ninguem, exagero certamente; mas é preciso que nos lembremos que o turismo que convém atrahir, o que deixa resultados uteis a um paiz, é o turismo de gente abastada, e esse não transpõe as fronteiras d'um paiz sem saber se ahi encontra o conforto a que está habituado.

«Alem dos hotéis ha ainda uma coisa que me inspira grandes esperanças, como sendo capaz de atrahir turistas, e que encontra em Portugal as melhores condições de desenvolvimento.

??...

«Refiro-me aos sanatorios.

«Eu creio que poucos paizes haverá com melhores condições climatericas que o nosso para n'ele se estabelecerem sanatorios susceptiveis de corresponderem a todas as necessidades therapeuticas.

«Um paiz pequeno como o nosso, em que ha todos os climas agradaveis que se possam imaginar, desde o da montanha até ao maritimo com temperaturas moderadissimas, onde se encontram todas as modalidades de aguas minerais imaginaveis, será ou não um admiravel campo para se montarem estações de cura? — Já ha alguns sanatorios no paiz, e alguns sabemos que estão sendo muito apreciados.

—Por exemplo?

«O sanatorio do Seixoso, perto de Penafiel.

—Estamos já maçando V. Ex.<sup>a</sup>, objectamos, mas o assumpto interessanos tanto que não queremos deixar de lhe fazer mais uma pergunta.

«Não me maça nada, antes pelo contrario, é-me muito grato informar os leitores da *Revista de Turismo*, dos assumptos que a Propaganda tem entre mãos.

—Animados com esta resposta, pedimos-lhe para, na sua qualidade de membro da Comissão Executiva da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, nos dissesse o que tenciona fazer esta Companhia depois da guerra, quanto a comodidades de passageiros.

«Restabelecer os serviços anteriores á guerra, e melhora-los tanto quanto possível.

«A Companhia tem sido muito mais providente do que o publico suppõe.

«Se ella não tivesse sido cautelosa, ha quanto tempo teriam cessado ou pelo menos tornado quasi impossiveis as viagens em Portugal?

«O nosso stock de combustivel, quando começou a guerra, era o maior que a Companhia tinha tido até então. Se não fosse isso, não sei bem o que teria sucedido. Não só nos mantivemos a nós, como prestámos auxilio a outras redes, dando tempo a que todos os caminhos de ferro estudassem e se preparassem para o emprego da lenha, a que não teria sido possível sem um periodo de preparação.

«E não era só a falta de combustivel que punha em risco a circulação dos comboios.

«Muitos materiaes nos faltam. Temos adquirido o que temos podido em toda a parte, sem fazer questão de despesas. Até já mandámos á America do Norte o nosso sub-director que bastantes aquisições fez. Mas a difficuldade de aquisição de materiaes é cada vez maior, chegando-se quasi á impossibilidade de os obter seja a que preços fór.

«Ainda n'este ponto a Companhia tem sido previdentissima.

«Se ella não tivesse reduzido os seus percursos já ha muito tempo, em que situação estariamos n'esta occasião?

«Quando reduzimos o serviço, o publico clamou porque o prejudicamos, sem se lembrar que para a Companhia era mais comodo e rendoso o manter o serviço completo que tinha, para o que não havia impossibilidade material de o fazer n'aquella occasião.

«Ella via, porém, o futuro, e pode ter a certeza que se não se tivessem adoptado as reduções a tempo como se fez, já hoje não se viajaria em Portugal senão n'alguns dias da semana e poucos.

«Claro está, que se a guerra se fór demorando não sei ao que seremos obrigados.

«Apezar de tudo, devo dizer-lhe que continuamos a fazer a transformação do material circulante encetada ha anos, aproveitando-se antigas carruagens e doptando-as com corredores lateraes, W. C., lavatorios, aquecimento etc.

A meia hora concedida para a nossa entrevista ha muito que acabara. Era pois preciso abalar, deixando o sr. Vasconcelos Correia entregue ás suas occupações.

Levantámo-nos, e ao despedirmo-nos notámos na phisionomia do nosso entrevistado, uma certa satisfação por estar ali aquella longa meia hora, falando sobre a Propaganda de Portugal, sobre a Companhia dos Caminhos de Ferro, e sobre o progresso da nossa Terra, em que ele colabora com tão devotado carinho.

G. M.

## EXPOSIÇÃO DE ARTE

### ARTE NA ESCOLA

A interessantissima exposição de quadros destinados á ornamentação moral das escolas, que no dia 18 se inaugurou no salão da *Illustração Portugueza*, tem tido a visital-a numerosas pessoas.

Todos os trabalhos, devidos aos nomes consagrados de Alfredo Moraes, Quaresma, Santos Silva (Alonso), Alberto de Sousa, Hebe Gonçalves Gomes, Rocha Vieira, Stuart Carvalhaes, madame Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro Otolini, Alfredo Guedes, etc., d'elas mereceram as melhores referencias, tendo algumas até bem vincado no seu apreço quanto relevavam o nobre intuito patriótico e educativo que os impulsionára.

Na exposição figuram tambem as 159 bellissimas aguarelas de Roque Gameiro e Alberto de Sousa, por estes artistas expressamente pintadas para a série de «Quadros da Historia de Portugal», coordenados por Chagas Franco e João Soares, verdadeiras obras primas, que só por si justificariam a concorrência, e os varios desenhos, originaes preciosissimos de D. Raquel Roque Gameiro Otolini, para o album com versos de Delphim Guimarães, que em breve deve ser publicado com o titulo de «Livro de Bebê».

Agradecemos o convite.

## BIBLIOGRAPHIA

### «Terras Santas da Liberdade»

COM este titulo publicou o incansavel propagandista, sr. Magalhães Lima, as suas conferencias realizadas ultimamente no Theatro de S. Carlos de Lisboa, e no Porto.

Atravez essas paginas, que se leem de um folego, avalia-se quanto ainda a alma do auctor está moça, para a conquista do Ideal.

O sr. Magalhães Lima, um apaixonado pela sua terra, deixa transparecer nas poucas paginas d'esse livro, o seu grande amor pelo turismo e pelo conhecimento lá fóra do nosso paiz.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.



## A TERRA PORTUGUEZA

## O ALEMTEJO

UM PASTOR  
ALEMTEJANO

DE Evora para o nascente a linha ferrea corre ininterruptamente atravez decampos de trigo, de oliveis e montados. A monotonia da azinheira e da oliveira, junta-se, no pino do verão, a agressiva intensidade de um calor africano. A atmosfera é de chumbo, e á hora da sesta tudo adormece. Só as eiras vivem e palpitam. Tudo o mais parece morto. O sol nada poupa; e dos calcadoiros altos que os trilhos trituram, parece erguerem-se, de sob as patas das eguas, envoltas nas moinhas doiradas, chispas de lume. As debulhadoras arfam e pulsam constantemente deixando escorrer o trigo como a água escorre das bicas das fontes fartas. No meio da desoluição alemtejana, encontram-se, todavia, encantados e verdejantes jardins. Claros Montes é o mais deslumbrante de todos. Cercado de montículos áridos, de avermelhada argila, cresce, no fundo do vale, uma seára de milho que dá para cima de cem moios.

Não conheço maior milagre da água. Por via dela, represada no inverno por uma alta muralha, surge todos os anos, quando julho chega, nêsse recanto de terra alemtejana, um milheiral prodigioso. Andei três bem puchadas leguas, numa tarde esbrazeada, para o vêr. De repente, sentime transportado para os campos encharcados de Leiria.

ELVAS -  
AQUEDULO  
DA AMOREIRA

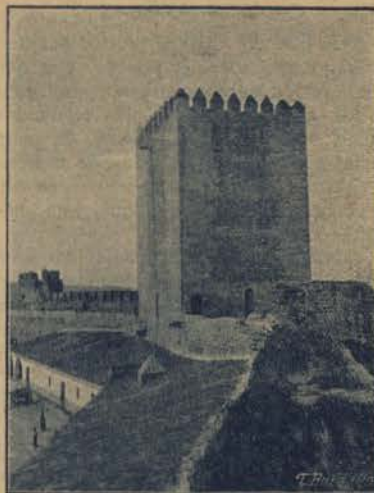
Pois para voltar a ter essa sensação inesquecível, estou disposto a repetir, na primeira ocasião, a pouco seductora viagem.

Estremoz é para mim o seu castelo. A tórre de menagem dir-se-ia que não tem meia duzia de anos. A igreja da Rainha Santa, tão linda com o seu alpendre do tempo de D. Diniz e a sua alta tórre esguia, está a desmoronar-se, votada ao mais triste e ao mais criminoso dos abandonos. O castelo de Evora-Monte ergue-se a um tiro de peça, no alto da serra fronteira.

MOURA -  
O CASTELO

Para todos os lados, a campina alemtejana quasi não tem fim. Junto da vila, crescem hortas e pomares. Fóra da cidadela secam ao sol

bilhas de barro vermelho, acabadas de sair das mãos dos oleiros. Desço para a vila, vou ter a uma praça arborizada com árvores de fruto. É a pri-



meira que encontro em Portugal. Vila Viçosa é uma terra amuada. Tudo ali é concentrado e triste. Muitas igrejas, muitos conventos em ruínas e o Paço Real fechado a toda a gente. O castelo é cheio de tradições heroicas. A igreja da Conceição, revestida de ricos azulejos, parece estar ainda cheia do ruido das espadas, que tilintavam todos os anos de encontro ao lagedo do pavimento, quando se celebrava a festa da padroeira.

MOURA -  
PASSAGEM  
DO GUADIANA

Redondo, a Serra de Ossa, o convento dos Paulistas, toda essa parte do alto Alemtejo é um montado sem



## PAISAGENS PORTUGUEZAS

## ROMARIAS

fim. Tristeza, severidade, verdura calcinada, terras de poísio, infinitas extensões de restólho, pequeninos campos onde crescem hortas raquíticas, leguas e leguas sem um fio de água regando a terra queimada, é o que os nossos olhos cansados vêem n'essa região absolutamente diferente das outras, das que ficam para o sul, onde a desoluição é ainda maior, e a planície nua parece para sempre imersa em dorido abandono. Entretanto o Alemtejo, apesar da sua secura e da sua aridez, da sua monotonia e do seu aspecto devastado e fatigado, é ainda uma das províncias portuguesas que mais caracter possui. Os seus maltezes e os seus ciganos emprestam-lhe um pitoresco que se tingem, frequentemente, com as côres rubras da tragédia. Os seus cantares dão toda a amplitude da planície sussurrante e ondulante e os seus costumes têm ainda tanto de patriarcal, que não há região nossa onde o senhor da terra, o rendeiro e o servo da gleba, pratiquem um maior comunismo. Uma herdade, principalmente uma herdade à antiga, é um refúgio de gente desprotegida. Um *monte* é uma verdadeira colmeia de servos de toda a espécie, que vieram, em geral, de toda a parte e a quem basta uma pequena parcela da opulência do lavrador para que a vida lhes decorra sem cuidados nem canceiras. No verão passado vivi, na época das debilhas, durante algumas semanas, a vida agitada dos montes. Passei dias e dias entre rendeiros, maiores, pastores, feitores e não sei que outros representantes da hierarquia agrícola alemtejana. A impressão que toda essa gente me deixou foi a de uma grande serenidade. Para ela a vida não tem abismos. É sólida como a sua província, que todos os anos enche os celeiros de trigo, matando a fome aos que nada possuem, transformando os pobres em remediados e aumentando prodigamente a fortuna dos ricos. É uma terra taciturna, o Alemtejo. A gente que vive



UM CARRO ALEMTEJANO

pelos seus campos é, como a sua província, metida consigo, grave, franca sem ser expansiva, reservada sem ser desconfiada.

ADELINO MENDES.

**R**OMARIAS, festas amigas em que o povo folga e ri, na pureza da sua crença, na folgança do seu coração.

Romarias, como eu as recordo do tempo da minha infância, tão simples, tão ingenuas, mas tão grandiosas na nossa alma e na singeleza da crença dos verdes anos.

Uma ermida branca, um sino velho a tocar, uma philarmonica estrupia-da, umas vendedeiras de doces e um pequeno mercado de melancias, transportado ao alto da colina, eis toda a festa.

Saudosas romarias da minha Beira, vejo-vos cá de longe n'uma adoração, como outr'ora, vestidas de galas, cheias de poesia, repletas de sentimento.

O Minho, beato e romanesco, atrôa o paiz com as suas festas rememoráveis, de S. Torquato, de S. João de Braga, da Agonia. O Douro pelo seu lado desafia-o com o Senhor de Matosinhos, com o Senhor da Pedra, e a todas estas responde a Beira com a sua considerável festa dos Remedios, de Lamego.

E todas estas romarias afamadas em todo o paiz, que despovoaam as terras visinhas, n'uma extensão de mais de dezenas de leguas, que trazem dos grandes centros, em comboios enormes, legiões de viajantes, atrahidos pela sua grandeza, não teem para mim a sensação das pequenas romarias dos montes ermos, povoados de estevas, e agrinaldadas com ramarias de castanheiros seculares.

Esses consideráveis festejos, onde meia duzia de philarmonicas, tocando sem descânção, fazem rodopiar entre a poeira, e sob um sol esbraseante, multidões de festeiros, em abandonada

despreocupação, parodiando as canções estafadas das revistas de ano, e em que os ourives espõem sobre os colos fartos das raparigas da lavoura, as obras rendilhadas da sua industria, não são para mim mais que manifestações em larga escala da folia nacional, mas sem sentimento, sem originalidade.

Ha anos a curiosidade levou-me das Pedras Salgadas, a uma terra visinha, Lago Bom, onde uns pobres foguetes,

atrados com largo espaço, anunciavam uma romaria.

O sol, queimava sem piedade os campos de restólho, por onde romeiros estafados, de jalecas ao hombro, corriam apressados na ancia de chegar.

Um foguete rompeu lentamente o ar, entre os castanheiros, anunciando a procissão; os clarins da philarmonica, elevaram-se; os andores altos apareceram no caminho



ROMARIA DO LAGO BOM

estreito. A' frente, abria o prestito a bigodeira do regedor da freguezia, que caminhava compassadamente com um bastão de castão de prata, que erguia ás vezes, não sei se para o mostrar, se para abrir caminho entre a multidão. A seguir, sobre os hombros suados de quatro latagões, ia o primeiro andor: uma esguia piramide de papel, em forma de um alto pastelão de natal, onde, entre a papelada, aparecia uma figurinha de Menino Jesus, sorridente, de cabelo louro, e com uma corôa de latão que ameaçava cair. Dois homens em mangas de camisa e de arma caçadeira a tiracól, faziam a guarda de honra ao Menino Jesus. Eram os cabos de policia. Outro andor avançava, alvejando-lhe no alto 7 espadas sobre um peito estreito de uma Virgem Maria, com uma carinha triste e resignada.



Mais dois cabos de policia, e duas espingardas.

Atraz seguia, a pé Adão e Eva, esta, uma rapariga de olhos negros como duas amoras maduras, fiando linho com a roca espetada na cintura; aquele um rapazola, em ceroulas e camisa, com folhas de parra cosidas por toda roupa branca.

Depois seguia um S. João, de carne e osso representado por um rapazito de doze anos, que iria em completa nudez se uma samarra de borrego á laia de tanga o não cobrisse. O sol queimava-lhe a pele morena, enquanto elle fazia habilidades prodigiosas para arrastar o seu borrego, que por pouco acostumado aqúelle officio, se arrelhiava, especando-se para traz, e dando maradas a esmo nos festeiros.

Dois anjinhos, duas crianças loiras, tão lindas, tão brancas, que era até uma crueldade expor-lhe a carminha alva, áquele sol do meio dia e em cujo peito, pequenino, não havia forma de se discutir o vestido branco, tal a profusão ve ourivesaria, eram cordões, eram polares, eram afogadores, eram correntes de relógio. Tudo emfim, uma montra completa. Depois começavam a enfadar-se. A uma apertavam-lhe os pesinhos uns horríveis sapatos de verniz; o outro esfregava os olhos da poeira.

Ao lado deles, sobre os hombros fortes de um criado de lavoura, dormitava o terceiro anjinho, as faces vermelhas descansava-as, sobre um hombro do homem, com uma dilatada fadiga e um somno profundo; o sol crestava-lhe os bracitos estendidos. As azas, duas azas de pomba mansa, peniam desconjuntadas com intenção de se despegar.

Fechava a procissão um formidável guarda-sol, sob o qual caminhava o parcho da freguezia com a custodia erguida. E atraz d'ele a musica, estafada, rouca, atirando ao ar, uma marcha lenta e cansada, como se n'ela se inspirasse o cansasso que já invadia os musicos, alguns já em mangas de camisa, e com lenços vermelhos atados á cabeça, para que o sol não fizesse maior damno.

A multidão que se seguia, com os seus fatos domingueiros, mastigava orações e doces de gema ao mesmo tempo.

Um foguete, de quando em quando, estralejava no espaço, o sino da freguezia badalava além no campanario estreito.

Depois de uma hora, das boas, chegou o prestito ao terreiro da freguezia, e toda a gente abriu alas; os andores foram pousados no chão, o padre subiu a um pulpito, improvisado nas traseiras da capela e sob o imen-

so guarda-sol, castigou a impiedade, a luxuria e cobriu de benções a virtude e a castidade.

Os romeiros descansaram sob as largas sombras dos almos altos, o vinho ferveu nas infusas de louça vidrada, as melancias foram esartejadas pelos musicos sequiosos. O padre continuou o sermão, citando factos, de-

monstrando com argumentos fortes a sua fé e a sua crença.

O povo ouviu, o povo acolheu aquelas frases com unção.

Alguem riu d'aquella festa.

Eu não ri, achei tanta poesia, tanta singeleza n'aquella complicada procissão, que ainda hoje a recordo com saudade.

GUERRA MAIO

## TURISMO... CASEIRO

N'UM paiz como nosso tão farto de palavras e tão falho de obras, em que as cabeças prenhes de pensamentos fecundos se encostam pelas esquinas em gestação penosa de novos projectos e os papeis abarrotados de auspiciosas iniciativas enxameiam por ahi a réclamar ideias, alindadas sempre com as garrulices enfiadas d'um estilo sobre posse, quem se desse ao trabalho de respigar alvitres, ajuntar sentenças e coligir conselhos, não teria certamente afadigosa tarefa da peregrina Ruth atraz dos segadores cuidadosos do seu futuro senhor.

A cada canto encontraria um que nascido entre as rendas espalhafatasas d'uma linguagem estudada, afufado entre os cuidados d'um estilo deleitoso, se ficara para ahi esquecido, amortilhado nas galas do nascimento, a apodrecer nas estantes pulvorentas do nosso pachorrento e inerte burocratismo. E' assim.

Sauda-se uma ideia nova com os hossanas de nova vida e esquece-se logo quando se não apagaram ainda os rumores das saudações.

Olha a gente o foguete que resfolga lume a subir no espaço e mal que as bombas estralejaram descem á terra os olhares. Do foguete ficou uma nuvem de fumo que se esvae com o vento e um canção que se precipita para gaudío do rapazio.

Assim certas ideias. Apoz as aclamações, uma vaga lembrança que se esfuma e uns papeis velhos que ficam para utilidade dos merceeiros.

Isto é verdade, infelizmente. De tão confirmado por factos assumiu a evidencia dos primeiros principios. Ainda o senti ha dois dias.

N'um recanto de casa alheia vi uns papeis que juncavam o chão. Li-os porque tinham letras. Nas mesmas condições em que me encontrava, ninguém deixou de ler as linhas dumas folhas que lhe caissem nas mãos. Eram as folhas esparsas dum livro que deveria ter sido um relatório. O acaso trouxe-me n'ele um projecto de lei

criando umas comissões de turismo. Não sei se foram creadas, se substituidas ou se ficaram adormecidas nos papeis aguardando a trombeta final que os faça ressurgir de sob as camadas espessas de pó: não sei. O que sei é que era bela a ideia, e proficua de resultados felizes se passasse de ideia, se revestisse formas reaes, se viesse para o campo da acção.

Essas comissões, criadas nas cidades, nas vilas, nas aldeias mesmo, em toda a parte, teriam a seu cargo a defesa e proteção dos monumentos; indica-los-hiam onde quer que se escondessem, desenterrariam do entulho do esquecimento senão do desprezo os monumentos historicos que reliquias sacrossantas d'um passado de opulencia e de grandeza, fossem testemunhas de passadas eras; cuidariam da hygiene da localidade; da propaganda de curiosidades que pudessem interessar estranhos; e, sobre tudo, o que ainda de mais impressionante e proveitoso me pareceu, levariam os seus disvelos á educação das populações locais, guiando-as desde a escola primaria e ensinando-as a respeitar estatuas que eternizando os herois do valor ou da virtude, mesmo na pedra ou no bronze em que os moldaram, são a alma em que vibra intensamente a vida das nações; os monumentos sagrados da arte, edificios antigos, azulejos, ruínas historicas, muralhas, castelos, tudo emfim que fosse ainda um brado clamoroso a sustentar este povo, como sustentam os velhos as recordações da mocidade, e a alentar-lhe oses forças pela vida recordando-lhe que bem mais pequeno o acharam nossos avós e o fizeram tão grande que abraçou o mundo, tão afanado que, passados seculos essas ainda obras gritam a sua gloria.

Mas que se tem feito nesse sentido? Muito certamente, mais do que seria permitido esperar dos nossos costumes rotineiros ou do nosso apatico desinteresse; mas menos, muito menos, por certo, do que é preciso fazer. Já o disse, não sei se as co-



missões foram creadas. Se o foram (ia jura-lo) muitos dos que as foram, apóz tomarem posse, depois de na primeira reunião terem escolhido entre si os diversos cargos, disseram duas palavras de congratulação, prometeram mundos e fundos retiraram-se para casa honrados com a distincção, envaidecidos da escolha e... esqueceram tudo.

Sucedo sempre assim. Por isso, numa ignorancia que as desculpa, as populações vão pondo mão sacrilega em monumentos que desfeiam, tirando

á natureza da região encantos que a embelezam ou opondo-se a que alguns de mais largas vistas lh'os queiram dar.

Se as não preparam?! Se as não educam?!...

E, é pena, que em terra como a nossa (afora mesmo a pieguice de patrios amores) tão rica de belezas, tão revestida de graças, tão esmaltada do brilho fulgurante da arte, é pena que assim seja. O turismo teria muito a ganhar e nós com ele.

JORGE AFONSO.

## A INDUSTRIA DO TURISMO

Como é nosso intento não só apreciar os factos (sem, contudo, levarmos a nossa apreciação aos limites da critica) mas, tambem, expôr-nos o que pensamos sobre as conveniências que nos parece imporem-se para o natural desenvolvimento da industria de turismo no nosso Paiz, vimos—como logica consequencia do artigo aqui publicado no ultimo numero sob a mesma epigraphe—desenvolver a nossa idéa, relativamente ao ponto que considerámos «capitalissimo» para se crear uma população flutuante no nosso Paiz.

E', pois, esse o assumpto que vamos abordar.

Segundo o nosso modo de vêr, toda a propagação em prol de Portugal, deve ser orientada sobre a nossa posição geographica e das condições climatericas do nosso Paiz. Fazer-se réclame á tôa, simplesmente no intuito de se atrahirem aquí estrangeiros, não atendendo aos seus vicios de nacionalidade, ás suas necessidades turísticas ou de saúde, ou ás suas exigencias de viajantes por comodismo ou por imposição, será, sem duvida, de resultados negativos; porque, embora a excelencia do nosso clima seja inegalavel, a eficacia das nossas aguas se manifeste de forma irrefutavel, o nosso ceu, a nossa paisagem e todos os demais atrativos com que a Natureza dotou este bem-dito solo portuguez sejam de inconfundivel beleza, o certo é que tudo isso não é sufficiente para trazer aquí estrangeiros, principalmente os das nacionalidades que, pela sua posição geographica, tenham de atravessar paizes—como a França, a Suissa e a Italia—que, pelo menos de tradição, lhes são já conhecidos e onde sabem que encontram não só belezas em que o seu espirito agradavelmente se recreia, mas, tambem, comodidades que podem não en-

contrar aqui—e não se enganam...

O turista—seja qual fôr o motivo que o leve a viajar, não dispensa a satisfação de nenhum dos caprichos que constituem, por assim dizer, as suas necessidades. Não lhe são suficientes sómente as distrações que possam alegrar a sua curiosidade de estudioso ou o seu simples desejo de vêr; não lhe bastam, apenas, as mais perfeitas comodidades, como tambem não satisfazem ao seu egoismo os prazeres que o não impressionem. Quer mais, muito mais e com diversidade.

E' por isso que achamos, como acto primordial para a nossa ação turistica, a iniciação d'uma serie de providencias tendentes a dispôr o nosso Paiz, a nossa vida e a nossa maneira de sêr á recepção dos estrangeiros, de maneira que elles, na sua primeira visita, nos encontrem devidamente preparados para lhes prodigalisarmos tudo, até mesmo o que se possa qualificar de inconcebível.

E como não podemos nem devemos estar a alimentarmo-nos simplesmente com as nossas proprias forças—o que nos conduziria a uma lucta de morte por debilidade—somos por isso defensores da propagação, mas feita com intelligencia, nas nações que nos podem fornecer a corrente de viajantes de que tanto necessitamos.

Essa propagação será a nosso vêr e dada a nossa situação no globo e a privilegiada temperatura que disfructamos de proveitosos resultados, se conseguirmos intensifica-la cuidadosamente nos paizes da America do Sul—Brazil, Argentina, Perú, Chili, Bolivia, S. Salvador, etc., nas Guyanas, nos estados da America central, onde avultam as riquissimas colonias açorianas, e por essa enorme Africa, não nas nossas possessões, mas nas estrangeiras, cujos colonos, de regresso ou de visita ao seu Paiz natal, quasi todos são obrigados a

passar sobre as aguas portuguezas, como tambem os americanos do Sul, para entrarem no velho mundo, tem—por assim dizer—necessidade de passar pelo nosso Paiz.

Torna-se-nos pois obrigação indeclinavel fazer com que Portugal seja, para esses, a unica entrada na Europa.

Para conseguirmos esse *desiderato*, que é o ponto capital, é que devemos empregar toda a nossa ação, a nossa intelligencia e a nossa maior actividade; porque se alcançarmos essa primeira étape na nossa vida turistica nacional teremos a certeza de que—desde que a propagação corresponda á realidade—se esses estrangeiros não limitarem a sua visita, a esta margem do Atlantico, simplesmente ao nosso Paiz, no regresso ás suas patrias elles procurar-nos-hão não só para aqui embarcarem de novo, mas ainda para apreciarem mais uma vez o que de bom—*que deve ser tudo*—lhes possamos oferecer.

Eis o nosso modo de pensar.

### Congresso na Serra da Estrela

REALISA-SE no proximo dia 26 no observatorio da serra da Estrela, um congresso dos amigos d'esta bela região, promovido pelo nosso ilustre colega de Gouveia *Ecos da Beira*.

N'esse congresso, serão tratados todos os assumptos que se prendem directamente com o progresso da Serra da Estrela, e com o dos concelhos de Nelas, Ceia e Gouveia, onde ha grande entusiasmo por essa reunião.

Que d'ele saiam coisas praticas e viaveis são os nossos ardentes desejos.

### Um novo hotel de luxo

O sr. Alexandre de Almeida, proprietario do Hotel Metropole de Lisboa, vae construir no Luso, um hotel dotado de todos os confortos modernamente exigidos.

E' construido ao abrigo da lei dos hoteis, e o seu projecto, vae ser presente á repartição competente.

A construção não se fará esperar pois o sr. Alexandre de Almeida já tem reunidos os capitães necessarios e já adquiriu o terreno, que é em local bastante apropriado para um bom hotel.

No proximo numero daremos uma mais larga noticia sobre o assumpto, acompanhado do projecto do hotel.



## DO ESTRANGEIRO

## O turismo na Côte d'Azur

## FRANÇA

## Abertura da Camara Nacional de Hotelaria

Por ser verdadeiramente explicativo e claro para todos os entendimentos, traduzimos textualmente alguns períodos do discurso pronunciado por Monsieur Fernand David, ministro da agricultura em França que presidiu á sessão inaugural realisa da pela Camara Nacional da hotelaria franceza, que teve lugar em 31 de Maio ultimo. Disse esse importante vulto:

«Senhores: Sinto-me particularmente feliz por presidir a esta assembleia.

«Estou convencido de que ela é, para a vossa grande industria, a aurora d'uma nova era. Incumbe-vos o desenvolvimento da tranquilidade, do trabalho e da paz dos interesses particulares que vos estão confiados e que se acham diretamente ligados ao interesse geral do Paiz.

«Não posso deixar de pôr em destaque o esforço empregado pelo *Touring-Club de França*. Esta poderosa associação conseguiu agrupar um *Comité* de hotelaria franceza, reunindo os representantes do Turismo e do mundo hoteleiro, que aproveitando sabiamente o ambiente propicio, tem proseguido nas soluções verdadeiramente praticas, cujos resultados se tem manifestado já por uma bem palpavel importancia.

«Sob o ponto de vista do ensino hoteleiro e da caixa destinada a essa instituição, o *Touring-Club* tem empregado esforços tão conhecidos na nossa grande patria que desnecessario se torna sublinhal-os. As suas iniciativas a este respeito vão ser transferidas para a Camara Nacional que acaba de ser constituída por vós, e da qual há a esperar os maiores beneficios.

«Logo que o Conselho de Administração da Repartição nacional de turismo encanou firmemente os fins da sua acção, o seu primeiro cuidado foi dedicar-se á industria hoteleira. Não ha turismo possivel, não pode haver circulação estrangeira se se não cuidar carinhosamente da industria hoteleira que é a sua mais essencial base.

«Continuéis, pois, esta grande obra, para a qual encontrareis, sem duvida, o mais dedicado auxilio e o mais sollicito concurso de todos os francezes.»

## Cultura de plantas medicinaes

O Sindicato geral da Drogaria franceza, com sede em Paris, acaba de lançar um circular por toda a França, chamando a atenção das populações provincianas para o beneficio que lhes advirá da cultura de plantas medicinaes.

Até o começo da guerra, essas plantas eram importadas da Alemanha e da Austria, o que representava para a França uma sahida de muitas dezenas de milhões de francos.

O Sindicato convida, pois, o povo francez a começar a cultura das plantas medicinaes, para se poder estabelecer um mercado que obste á sua importação, e crear-se, ao mesmo tempo, uma nova receita excessivamente productiva, pois que as despesas a que essa cultura obriga são insignificantes.

O mesmo syndicato vae fazer distribuir um guia especialmente dedicado a essa cultura.

A Federação dos Syndicatos d'Iniciativa da Côte d'Azur acaba de fundar uma Revista mensal, simplesmente dedicada ao Turismo no litoral.

Essa Revista tem tido o mais lisongeiro acolhimento, e o concurso que lhe tem sido dispensado excedeu toda a expectativa.

É porque ali todos avaliam o que é a industria do Turismo e auxiliam, espontanea e entusiasticamente, qualquer iniciativa tendente ao desenvolvimento d'essa riquissima industria.

Em Portugal tambem se ha de pensar da mesma forma quando... os outros já não precisarem de fazer réclamo dos seus paizes.

## ITALIA

## Cezare Mangili

FALCEU, em Junho passado, na Italia um dos mais devotados propagadores do turismo, o senador Cezare Mangili, Conselheiro do *Touring-Club Italiano*.

A essa individualidade, que foi uma figura de alto relevo na sociedade italiana, a sua patria muito querida ficou devendo, além de outros muitos valerosos serviços, a organização do grande certamen internacional de Milão, em 1906, que atrahiu áquello belo paiz do Mediterraneo uma parte importante da população mundial.

Cezare Mangili, devido á sua tenacidade, firmeza de caracter e espirito de iniciativa, a que aliava uma muito natural atração pelas suas excelsas qualidades, era justamente considerado em todos os meios sociaes italianos; sendo, por isso, a sua morte considerada uma verdadeira perda nacional.

## Um concurso interessante

Ação do turismo em Italia, occupa um lugar primacial no espirito dos habitantes d'esse belo paiz, que encerra na sua historia, por entre as mais inesqueciveis e inolvidaveis recordações, paginas emocionantes das tragedias romanas, lendas cezarianas de épocas longinquas.

No seu ridente solo, onde florescem paralelamente as mais extranhas emoções artisticas e onde a magica doçura dos seus dialetos se conjuga singularmente com a soberba inspiração do Belo, um dos assuntos que actualmente mais preoccupa as atenções dos que se compenetraram de que o turismo é a industria mais necessaria ao desenvolvimento do seu paiz... a escolha do titulo a dar a um novo jornal, exclusivamente dedicado á propaganda turistica italiana.

Só para este fim, o *Touring-Club* de Italia abriu um concurso, a que responderam milhares de pessoas, além dos duzentos mil socios d'aquelle Club.

É pasmoso e significativo!

Todas as respostas foram caracterizadas por um inegualavel sentimento patriótico; sendo divididas por diversas categorias.

Citamos as mais principaes para melhor se avaliar os efeitos d'esse concurso.

Cincoenta e cinco mil concorrentes, indicavam o titulo de: *O belo Paiz* (Il bel Paese); quarenta e sete mil, manifestaram-se pela simples phrase *Italia* e uma grande parte escreveu citações latinas, d'entre as quaes o boletim do *Touring-Club* distingue a seguinte, que classifica de mais impressionante: *Omnia ardua touring*.

É interessante ler as listas de todos os titulos indicados, e por ahí se avalia o grau

de patriotismo d'esse povo nosso irmão de raça, mas tão diferente... até no culto pelo turismo. É que, além da sua diversa educação, ele encontra na exhibição das muitas belezas que possui não só o desejo de que elas sejam apreciadas por todo o mundo, como, tambem, por esse facto, um fructo precioso para o bem estar do seu Paiz.

— Que os portuguezes ponham ali os seus olhos...

## SUISSA

## Suspensão de regalias nos caminhos de ferro

DEVIDO á situação anormalissima porque está passando todo o Mundo, os caminhos de ferro da Suissa deliberaram suspender temporariamente a redução de 30% que era disfructada por todos os socios do *Touring-Club Suizo*.

## «ECOS DA BEIRA»

ESTE nosso brilhante colega de Gouveia, egregio defensor dos interesses da serra da Estrela, publicou um artigo do nosso redactor principal, fazendo-lhe referencias, que muito o honram a ele e a esta Revista.

Agradecemos, tão gentil amabilidade.

## THEATRO DE ESTREMOZ

VAE em adiantada construção o theatro de Estremoz.

Era um melhoramento de que muito carecia a primeira vila do Alemtejo.

O novo theatro fica situado no bairro novo, proximo á estação do caminho de ferro, onde se estão abrindo varias avenidas, que, a avaliar por alguns predios já construidos, ficará um bairro muito elegante.

Já não é só Evora que dispõe de um magnifico theatro, que diga-se de passagem é dos melhores do paiz, mas tambem Estremoz o vac ter e pelas suas linhas geraes avolia-se bem qual a sua importancia.

A proposito, devemos dizer, que Estremoz vae em breve gosar de outro grande melhoramento: — a luz electrica, — que será inaugurada no fim d'este mez.

## A «REVISTA DE TURISMO»

assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.